

## MARIA JOÃO LOURENÇO

Maria João Lourenço, nascida a 31 de maio de 1956, em Lisboa, é já um nome de referência no panorama literário português enquanto tradutora (oficial) de Murakami Haruki, cuja obra tem sido publicada sobretudo pela editora Casa das Letras. Murakami chegou ao público português em 2004 e, desde que entrou na vida da tradutora, não mais se separaram. Em junho de 2016, contavam-se já vinte livros em português de Murakami, dos quais dezoito traduzidos pela pena de Maria João Lourenço. *Kafka* à beira-mar, publicado em 2006, sobressai com dezoito edições. A par do romancista japonês, traduziu autores de línguas inglesa (como Bill Bryson, David Baldacci, Joyce Carol Oates, Stephen King) e francesa (Georges Pompidou), bem como obras de literatura para a infância e a juventude e até mesmo livros de autoajuda. Da sua obra contam-se ainda revisões de texto, quer de traduções quer de autores de língua portuguesa.

Tradutora e jornalista de profissão, Maria João Lourenço licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, na variante de Estudos Ingleses e Alemães, em 1984, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, casa aonde por vezes regressa para reencontrar amigos e partilhar as suas experiências como tradutora literária. Antes de se entregar à paixão pela tradução, foi jornalista e editora da revista *TV Guia* (1985-1998) e diretora do Gabinete de Comunicação da SIC (1998-2001). Fez em 2015 quarenta anos desde que publicou a sua primeira tradução.

Marta Pacheco Pinto  
Universidade de Lisboa



Iniciei-me em 1974 com “monsieur” Pompidou, um acaso irônico na minha vida de estudante do primeiro ano de Filologia Germânica. Atrás de uma pessoa amiga da família, apareceu-me em casa o convite da Arcádia, coordenada ao tempo pela Natália Correia. Traduzi o livro rápida e febrilmente, enfiando as folhas na velha máquina de escrever da minha mãe e revendo tudo sem parar. Quando, em 1975, trabalhei no Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais (IARN), tive como missão traduzir e trabalhar textos jornalísticos. Continuei sempre, por aí fora, a traduzir para os semanários O Jornal e Sete, e confesso que ainda hoje tenho saudades da experiência. A minha costela de jornalista (cartão profissional n.º 1441) leva-me a gostar muito de pegar numa boa peça jornalística em inglês, francês ou alemão e transformá-la numa peça jornalística em bom português.

Trabalhei quinze anos na época de ouro da TV Guia. Depois, resolvi aceitar outros reptos. Fui diretora de Comunicação da SIC e editora na Oficina do Livro (Leya). Tal como nunca comecei por traduzir literatura, pura e... juvenil. A Manuela Cardoso da Presença desafiou-me a traduzir O vale dos segredos, de Charmian Hussey. O primeiro Murakami veio logo a seguir. A Isabel Garcia Pereira ligou-me, precisavam de uma pessoa que pudesse compreender o mundo muito próprio de Haruki Murakami. Calhou-me o japonês em sorte. Tinha devorado The Wind-Up Bird Chronicle, ainda hoje o meu romance preferido do mestre japonês... e o dele também, que eu saiba; *não hesitei um segundo*. Sputnik Sweetheart foi o título na rifa: uma experiência completamente diferente, mas que me deu gozo, além das ferramentas que me permitiram ir desvendando códigos de linguagem e processos mentais. A partir daí, passei a traduzir toda a ficção de Murakami (entre romances e contos), andando para a frente e para trás numa espécie de viagem no tempo, uma vez que havia muitos romances do japonês por traduzir; o único que não traduzi, estou agora a acabar. Falo desse clássico que dá pelo título de Norwegian Wood. Sing along, read along.

Apesar de ser (e me sentir) jornalista, fui tradutora toda a vida. Traduzi um primeiríssimo livro por acidente e voltei à carga anos

depois, quase por acaso. Tradutora em pousio? Se calhar, é uma bela imagem poética. Não acredito no destino, mas que é um por-menor murakamiano, lá isso é. Quando me perguntam a profissão, pareço esquizofrénica. Tenho dias em que digo que sou tradutora, outros intitulo-me jornalista. Editora não tanto: foi uma excelente experiência, mas ainda sei pouco do ofício. Gosto mais de ficar por casa, a traduzir um dia inteiro e a rever ao fim do dia (sim, também sou revisora, já me esquecia, e adoro). No fundo, é como ser tradutora em segundas núpcias. Acabei de rever *Madame Bovary*. Que maravilha, reler Flaubert à luz de outra experiência. Nunca me canso das letras, e ainda arranjo tempo para ler. Decididamente, é bom trabalhar nas obras...

Maria João Lourenço  
Junho 2016

## ENTREVISTA COM MARIA JOÃO LOURENÇO<sup>1</sup> “Oiçam como eu traduzo”

Cadernos de Tradução (CT): *“Os tradutores apaixonam-se todos, de certo modo, pelos romances de Haruki Murakami.” Estas são palavras de Maria João Lourenço. Como é que a Maria João conheceu e se apaixonou por Murakami?*

*Maria João Lourenço (MJL):* No meu caso, calhou ter lido *The Wind-up Bird Chronicle* (*Crónica do pássaro de corda*) no original. Adorei o livro. Quando me deram *Sputnik Sweetheart* (*Sputnik, meu amor*) para as mãos queres traduzir este japonês?, fiquei siderada. Era um romance completamente diferente, mas o fascínio manteve-se. Aquelas personagens pareceram-me do outro mundo (ainda hoje me pergunto se terei traduzido bem aquele primeiro parágrafo...); voltei a deparar-me, como tantas vezes viria a acontecer depois, com a descrição das rotinas, quando as personagens regressam a casa ao fim do dia, tornei a encontrar o apartamento como refúgio e a faca de cozinha afiada e pronta para cortar legumes e preparar uma simples refeição japonesa. Aprendi a respirar ao ritmo de frases aparentemente banais, daquelas que fazem com que os leitores se sentem confortavelmente no sofá (essa peça essencial de mobiliário, para quem nunca leu Murakami...), sem pensar em nada de especial, e se sintam tomados de um apaziguamento que pode ter tanto de agradável como de inquietante. “Fechei os olhos e procurei às cegas, dentro da minha mente confusa” (*Sputnik, meu amor*, 2005).

---

<sup>1</sup> A entrevista dá voz às reflexões que a tradutora expôs numa mesa-redonda intitulada “Tradutores Refletem sobre Tradução”, no âmbito de um colóquio internacional que teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, entre 30 e 31 de outubro de 2014, em torno do tema que dá título a este número temático.

CT: *Depois desse primeiro trabalho de tradução, que outros se seguiram? Como é que Murakami passou a fazer parte do seu quotidiano?*

MJL: Depois foi a vez de Kafka entrar em cena, o Kafka de Murakami, claro. Kafka Tamura de seu nome. E, com ele, uma vasta galeria de figuras marcantes, muitas delas com o seu quê de maléfico: o corvo que falava, o Coronel Sanders, Johnnie Walker, o Tenente Mamiya, a impagável figura de Tanaka... e tudo se complicou, quero dizer, complicou-se a minha vida de tradutora. Freud, Jung, o complexo de Édipo, Kafka, o verdadeiro, *the real thing*; a faca passou a ter um gume mais cortante e o tom dramático chegou a atingir o grau de saturação, respirando violência e tingindo de vermelho-sangue certas cenas. Com a tradução de *Crónica do pássaro de corda* (2006), também eu descí, desta vez com propriedade, na pele de tradutora, ao fundo do poço, agarrada à personagem de Tōru. Fiquei ali encerrada dias a fio, a bater com a cabeça nas paredes quase literalmente, a tatear, em busca de nomes e adjetivos, à espera do dia em que May Kasahara chegasse e destapassem a tampa, deixando sair o nosso herói. Sou claustrofóbica... Poderia enjoar com a descrição das minhas reações epidérmicas à tradução de um conto como “Náusea 1979” (*A rapariga que inventou um sonho*, 2008). Posso garantir que passei a olhar para as orelhas das pessoas com outra atenção, e podia ficar aqui a falar de carneiros com estrelas vermelhas tatuadas no lombo, hotéis perdidos na longura e passos de dança (*Em busca do carneiro selvagem*, 2007; *Dança, dança, dança*, 2007), de mundos com duas luas e um povo pequenino (*IQ84*, 2011), ou do universo fabuloso dos contos, reunidos em *A rapariga que inventou um sonho* e *O elefante evapora-se* (2010) (há um livro por traduzir, *after the quake*). Gosto muito dos contos. Mais. Sei que para Murakami os contos são muito importantes, entre romances.

CT: *E a Maria João gosta mais de traduzir contos ou romances? Porquê?*

*MJL*: Entra de novo em cena a tradutora. Gosto de traduzir Murakami, tão simples quanto isso. Sou fanática do conto “Sono”, mas que dizer de “Tony Takitani”, “Os celeiros incendiados”, “O assalto à padaria”, versão um e dois? *Crónica do pássaro de corda* e *Kafka à beira-mar* são romances incontornáveis, mas como esquecer *Em busca do carneiro selvagem*, *A sul da fronteira*, *a oeste do sol*? Tal como ele explica no prefácio a *A rapariga que inventou um sonho*, “escrever romances representa para mim um desafio, escrever contos, um prazer. Se o ato de escrever um romance é como plantar uma floresta, escrever contos assemelha-se a plantar um jardim. Os dois processos completam-se, criando uma paisagem envolvente que me é muito querida”. Murakami sempre procurou alternar os dois: romances e contos. O japonês é por vezes acusado de deixar os finais em aberto, situações em suspenso. *A peregrinação do rapaz sem cor* foi o último livro que o meu marido reviu (corrigia-me as gralhas e apontava defeitos, tarefa que o meu filho Rui Miguel herdou). Quando me apareceu no escritório com o derradeiro capítulo, parecia agastado. “Disseste-me que acabava aqui, mas não! Então, em que ficamos?”. Acontece, porém, que era mesmo o último. Os leitores ficam com uma série de pontos de interrogação, mas, pergunto eu, não é essa a essência da literatura? Borges, Camus, Dostoiévski, Virginia Woolf, McEwan, Don DeLillo, Lídia Jorge, Saramago, Lobo Antunes, Elena Ferrante, Elia Shafak, Orhan Pamuk tecem conjeturas e levantam dúvidas. Pois. À semelhança dos contos, também os romances de Murakami vivem desse efeito de suspensão do real... Há cenas dos contos nos romances. Basta dizer que o conto “O pássaro de corda e as mulheres das terças-feiras” (*O elefante evapora-se*) resultou no primeiro capítulo, mais parágrafo menos parágrafo, de *Crónica do pássaro de corda*. Ainda não perdi a esperança de traduzir o livro de contos sobre terramotos (*after the quake*). *Haruki Murakami and the Music of Words* é outro que tal: bem merecia ser traduzido para português e, porque não?, revisto e aumentado por Jay Rubin. Aos meus olhos, é uma importante iniciação ao mundo de Murakami.

CT: *É notório o deslumbramento da Maria João pelo universo literário de Murakami, sobretudo pelas suas personagens, que têm não apenas mudado a sua percepção do mundo e das pessoas que a rodeiam, mas interferido no seu próprio funcionamento diário.*

MJL: Não sou a única impressionada (o que é diferente de impressionável). Jay Rubin, um dos três tradutores para língua inglesa de Murakami, depois de traduzir a passagem em que Noz-Moscada sobe para o colo do pai e cheira aqueles odores todos dos animais que ele traz consigo, agarrados à roupa, do jardim zoológico, em *Crónica do pássaro de corda*, deu por si à noite a cantarolar uma canção da sua infância: “Oh, my papa, to me he was so wonderful.” Philip Gabriel, outro tradutor para língua inglesa, conta que costuma sonhar o género de sonhos que as personagens de Murakami têm nos seus romances.

CT: *A Maria João também tem o mesmo tipo de sonhos?*

MJL: Eu, que não sou fã de cacau (apesar de ter lido que um estudo provou a importância do chocolate na memória... e, como sabemos através dos romances de Murakami, as coisas que se passam no limite da memória são as que importam verdadeiramente: os elefantes não esquecem, embora possam evaporar-se!), já dei por mim a sonhar com lascas de chocolate, daquelas que ficam por vezes esquecidas nos interstícios dos livros, como aconteceu à mulher de “Sono” (2013), um dos meus contos favoritos. Não pronunciarei os nomes de Freud e Jung (duas referências incontornáveis na escrita de Haruki Murakami) em vão, mas sonho muito, porventura cada vez mais, e essa profunda atividade mental adquire aos meus olhos de sonhadora a espessura de um filme. Sonho, logo posso perfeitamente imaginar-me como uma personagem de Murakami. “Nos sonhos começa a responsabilidade”, diz Yeats, e Murakami assina por baixo.

CT: *Para além dos sonhos, de que outra forma Murakami interfere com o seu dia-a-dia?*

MJL: Volta e meia, a meio de uma cena, apetece-me ir ao frigorífico buscar uma *Bud*, eu, que raramente bebo e não costumo ter em casa cerveja estupidamente gelada. As cenas de cozinha fazem fome; é um facto visceral. Identifico-me com ele, por estranho (e ridículo) que pareça em muitas coisas. Também eu sou filha única, e garanto que ninguém escreve assim sobre a solidão dos filhos únicos. Ninguém escreve sobre a solidão como ele? É dos que mais descem ao fundo do poço, pelo menos. Tal como o escritor, sei o que foi não ter uma infância feliz, e reconheço a importância de o dizer com todas as letras. Até o percurso académico tem semelhanças, assim como os sentimentos divididos em relação à vida universitária. Gostamos ambos de acordar com as galinhas, partilhamos gostos musicais – estou longe de possuir o conhecimento enciclopédico dele, mas sei de ciência certa que a coleção de discos que herdei do meu pai faria as suas delícias –, os nossos livros favoritos são praticamente os mesmos. Há frases que me fazem rir alto; outras que me comovem. Suspiro ao sabor de quem suspira nos livros; também eu sei o que significa deitar-me, olhar para cima e deixar-me dormir. Quando traduzo Murakami, lanço-me ao meu labor com inusitada energia. E olhem que, se somos diferentes, é precisamente nesse capítulo: de que falamos quando falamos de... corrida. Vendo bem, ele corre maratonas, sejam elas pequenas ou grandes; a mim, dificilmente me arrancam do sofá.

CT: *Todas as traduções de Murakami que circulam no mercado português são feitas a partir da edição inglesa. Como caracterizaria os tradutores de Murakami para a língua inglesa? O que os distingue? Tem preferência por algum?*

MJL: Jay Rubin, voltamos a ele (autor de *Haruki Murakami and the Music of Words*, este livro tão manuseado), conta que, de-



pois de anos a traduzir fielmente “o cinzento realismo japonês”, mal podia acreditar ao encontrar pela frente um escritor “tão loucamente ousado e imaginativo” como Murakami. Na editora, deram-lhe a ler o manuscrito de *Crónica do pássaro de corta* e ele ofereceu-se para traduzir logo ali o calhamaço, em vez do Alfred Birnbaum. Quando fechou o livro, não queria deixar de viver naquele universo. Estamos a falar de um jovem intelectual, professor universitário, obcecado por Dostoiévksi... que adora traduzir Murakami, porque Murakami, entre outras coisas (leia-se, qualidades), o surpreendeu. Provocou-lhe reações que se prolongam para além da leitura. O livro impressionou-me de tal modo que, nos dez anos seguintes, praticamente só trabalhei na obra de Murakami. Acerca de Alfred Birnbaum, o terceiro tradutor, basta dizer que foi o responsável pela tradução de *A Wild Sheep Chase (Em busca do carneiro selvagem)*, um romance que deu que falar também pela tradução vivaz. Birnbaum tenta introduzir certos modismos no texto inglês. São conhecidas as suas expressões arrevesadas e usa mais calão. Jay Rubin prefere uma abordagem menos *jazzy* e, diz ele, “reproduzo o ritmo *clean* que confere à escrita de Murakami a sua força motora”. Philip Gabriel, também ele um *scholar* (Universidade de Washington), elogia o “humor” de Murakami, a forma invulgar, para não dizer excêntrica, como encara a vida, o “toque de nostalgia em relação ao passado” que percorre a sua prosa, entre outras coisas. Para este tradutor, Murakami é “o escritor moderno por excelência (*the quintessential*)”. “Tento preservar o ritmo básico da frase, alternar entre as frases longas e curtas” (apesar das diferenças). Dito isto, talvez prefira Gabriel e Birnbaum, por serem mais parecidos comigo no que toca à filosofia tradutória. São todos bons tradutores, e o mesmo posso afiançar em relação aos tradutores europeus, que conheço como se fossem meus vizinhos, sem esquecer a minha boa amiga Anna Zielinska-Elliott, que traduz diretamente para o polaco.

*CT: Contacta, então, regularmente com esses ou outros tradutores de Murakami? E já contactou diretamente com o próprio escritor para resolver dificuldades de tradução?*

*MJL:* Anna Zielinska-Elliott entrou em contacto comigo e convidou-me a participar num colóquio com os demais tradutores de Murakami. O meu marido estava doente e não pude ir. Depois, na sequência desse contacto, apresentámos juntas um trabalho na Faculdade de Letras. Escrevemo-nos e consulto-a sempre que preciso. É a minha versão privada de “A little help from my friend”. De resto, aproveito para recomendar vivamente este *site*: <http://tazakitsukuru.blogspot.pt/>. Escrevo ao autor sempre que tenho uma grande dúvida. Posso citar Freud e Karl Marx sem medo?, pergunto eu. Pedi-lhe para traduzir “Little People” nos três volumes de *1Q84*, em vez de deixar em inglês, como vem no original. A resposta veio de Yuki Katsura, a fiel assistente de Murakami nos escritórios de Tóquio:

Answering your question...

Having spoken with Haruki, I am pleased to confirm that Haruki does not mind if you would like to use the Portuguese translation for “Little People”. I think the translators for the other languages have decided to leave “Little People” in English, having “Big Brother” in George Orwell’s *1984* in mind. But you are free to make your own decision for your readers. I hope this answer will be helpful!

Espero que a informação vos tenha ajudado!

*CT: Já alguma vez folheou uma edição japonesa de um texto de Murakami? O que sentiu?*

*MJL:* Farto-me de a folhear. Tenho um pequeno “altar” dedicado a Murakami, cheio de edições em todas as línguas. Posso qua-

tro ou cinco livros em japonês. O meu preferido é uma belíssima edição japonesa de *After Dark*, por duas simples razões. Foi o primeiro que recebi das mãos dele, com uma gentil dedicatória e uma carta batida à máquina e assinada à mão. Sempre achei que era uma espécie de recado. “Quando é que começa a traduzir-me do japonês, Maria João Lourenço?” Infelizmente, ainda não sei japonês suficiente, mas espero lá chegar, um dia. Depois, porque *After Dark – os passageiros da noite* é um retrato magistral e perfeitamente alucinante da vida noturna numa metrópole japonesa. Um belíssimo poema urbano.

*CT: Enquanto tradutora, como lida a Maria João com as diferenças culturais? Que desafios enfrenta ao traduzir Murakami?*

*MJL:* De uma forma abreviada, foi assim que eu penetrei no universo murakamiano, traduzindo do inglês, na esperança de um dia traduzir do japonês, mas procurando que as diferenças não se façam sentir. Sei, em parte, que isso não acontece, porque vivemos num mundo em que a informação circula e é partilhada a uma velocidade alucinante. Quando me chega às mãos a tradução inglesa, por vezes em PDF, ou ainda numa cópia de trabalho, regra geral já possuo a tradução alemã, ou a italiana, por vezes a espanhola. Faço um estudo comparativo, sempre na procura da fidelidade possível. Quando entro num romance de Haruki Murakami, sinto-me bem lá dentro – e julgo compreender os meandros da sua escrita, os seus símbolos, a sua imagética. Alguns dos seus autores preferidos são também meus romancistas de eleição: F. Scott Fitzgerald, Capote, Chandler, Vonnegut, Salinger e Dostoiévski. Li Tim O’Brien e John Irving por causa dele. Carver deveria ter sido o primeiro, ele é o verdadeiro mentor de Murakami, mas gosto de baralhar as coisas. Os diálogos dos livros de Murakami são trabalhados e burilados com base naquela espantosa carpintaria carveriana, à maneira de Carver, por assim dizer. Quando traduzo Murakami, tenho sempre um livro de Carver à cabeceira (gosto especialmente

das traduções de João Tordo). E, depois, Haruki Murakami compreende os tradutores, confia neles, deixa-os trabalhar. (É uma relação bilateral.) Porque Murakami é um tradutor, para começar. É ele o primeiro a traduzir livremente os seus escritores preferidos (e o responsável pela sua divulgação no Japão). A minha sensibilidade jornalística identifica-se com o cidadão atento que Murakami também é. Em *Underground – o atentado de Tóquio e a mentalidade japonesa* (traduzido por Susana Serras Pereira e editado pela Tinta-da-China), o escritor traça um poderoso e pungente retrato dos seus patrícios, na sequência do ataque com gás *sarin* ao metro de Tóquio (1995). Haruki Murakami preocupa-se com o Japão, enquanto país que conhece os mesmos problemas de qualquer sociedade industrial avançada, embora sem ter perdido algumas das suas tradições. A solidão, a perda e a alienação, o sentido de comunidade, o medo da vergonha, a percepção do suicídio como alternativa honrada, a situação das mulheres. Nesse aspeto, Murakami dá-nos uma perfeita visão do Japão ancestral e do país moderno. O país que tem milhões de leitores que acorrem às livrarias para comprar os seus livros, ansiosos por conhecerem as histórias maravilhosas que outros leitores, nos outros países todos do mundo, também leem avidamente, porque as referências são comuns. É obra.

*CT: Uma curiosidade: a sua tradução, em 2013, de Noites brancas: memórias de um sonhador, a partir da edição francesa de Dostoiévski, estará de algum modo relacionada com a influência que acabou de identificar deste autor russo no universo de Murakami? Terá sido mais uma estratégia para se aproximar desse “outro mundo” que Murakami representa para si?*

*MJL:* Gostava que a resposta fosse um redondo sim, mas é não. Por uma simples razão. O desafio foi-me lançado pela Teresa Matos, do Clube do Autor. Bom, sabendo ela do meu gosto por Dostoiévski, de certo modo houve um encontro de ideias. Tal como Murakami, também eu adoro os grandes escritores russos, que co-

mecei a ler nos meus verdes anos. Procuro ler o que Murakami lê e ouvir a música que ele ouve. Como faço anos por estes dias, uma boa amiga perguntou-me que livro gostaria de ler e escolhi *Os demónios*, precisamente. Mal posso esperar para ler a tradução do russo feita por Nina Guerra e Filipe Guerra, um casal de grandes tradutores.

*CT: Murakami traduz sobretudo autores de língua inglesa, sendo, aliás, a influência da cultura norte-americana bem visível na sua obra – não apenas nos títulos dos seus livros, nomes de personagens e objetos que povoam o seu quotidiano, mas também na própria linguagem e na brevidade sintática. Como lida a Maria João com a aparente tensão entre uma especificidade japonesa e a proximidade à cultura norte-americana?*

*MJL:* Em boa verdade, não sinto essa tal tensão. Existe um grande esforço por parte do escritor no sentido de fundir de forma harmoniosa as diferentes culturas. Murakami leu todos os escritores antigos e os seus contemporâneos. É sabido que não aprecia sobremaneira Mishima (também não é dos meus eleitos): preferimos Tanizaki e Kenzaburō Ōe. O meu exemplar negro de *Contos da chuva e da lua*, de Ueda Akinari, tem os cantos dobrados e ameaça desfazer-se. Parece uma descrição tipicamente murakamiana, não é. *O romance de Genji*, da escritora Murasaki Shikibu, é calha-maço obrigatório, escusado será dizer.

*CT: Alguns dos últimos trabalhos de Murakami foram traduzidos a quatro mãos. Quem sugere a tradução em colaboração? Como gerem os tradutores as diferenças de ritmo de trabalho, estilo de tradução, resolução de dificuldades?*

*MJL:* Só posso responder por mim. O trabalho a quatro mãos com Maria João da Rocha Afonso correu às mil maravilhas: falávamos

por *e-mail* e ao telefone, se fosse caso disso. Entre mim e a Marta Ramires, minha amiga e editora da Casa das Letras, a cumplicidade é grande. Os livros também eram volumosos, por isso nasceu a ideia de traduzir a meias com a minha homônima. Temos escritas diferentes, enquanto tradutoras, mas esforçámo-nos por uniformizar o estilo. Revemos sempre os capítulos uma da outra. Ela sabe que eu não utilizo expressões como “de todo” e “não obstante”, mas lá aparece um ou outro, imagino que para me picar. Se bem me lembro, discordámos acerca do Povo Pequeno (“Little People”). A outra Maria João preferia Gente Pequena. Ainda andámos ali à volta da expressão. Se fosse hoje, e pela minha parte, poria Povo Pequenininho (tal como a tradutora brasileira, Lica Hashimoto).

*CT: Como articularia os seus conhecimentos teóricos sobre a atividade de tradução com o papel que, para si, o tradutor de Murakami desempenha?*

*MJL:* “Não tenho por hábito ler a tradução de certos livros e tentar “adivinhar” qual poderia ter sido uma determinada frase no seu original; esse exercício poderia revelar-se fastidioso”, afirma Murakami, que costuma dar o exemplo, aos seus alunos (ele foi professor em Princeton e Boston, entre outros sítios), de uma determinada passagem de um livro de Natsume Sōseki (*Light and Darkness*) e de como um tradutor “pode errar quando se limita a traduzir a gramática, em vez de traduzir ideias e imagens”. Subscrevo as teorias de Murakami no que respeita à liberdade do tradutor, a fim de chegar ao leitor na sua língua materna. Gosto de saber que os leitores portugueses, na sua maioria, devoram os romances porque as histórias lhes tocam fundo, em bom português. De certa forma, construí uma gramática de murakamismos. Mais teorias que o meu japonês defende: “Não me preocupo com os pormenores, ao nível da expressão linguística. Desde que as partes importantes *big things* da história, ao nível da narrativa, sejam transmitidas ao leitor, é sinal de que a tarefa foi cumprida. Se a

obra for poderosa, em si mesma, aguenta bem se tiver um ou dois erros. Mais do que preocupar-me com essas questões de pormenor e eu gosto sempre de usar a expressão “de lana-caprina”, nem que seja uma vez, pelo menos desde que traduzi *Em busca do carneiro selvagem*, fico feliz por ter por ver a minha obra traduzida.” E, neste ponto, lembrei-me imediatamente de João Barrento (poderia falar aqui em Umberto Eco, também), no seu livro que é uma das minhas bíblias: *O poço de Babel – para uma poética da tradução literária*. A páginas tantas, escreve João Barrento, que foi meu professor no primeiro ano na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, juntamente com João Ferreira Duarte, e aos dois devo também o gosto pela literatura e pelos livros: “Um texto literário é um sistema (tempos houve em que se dizia um organismo, ou também: uma estrutura), e é preciso transpô-lo como tal, nas suas presenças e nos seus “invisíveis”. ... Quaisquer que sejam os seus pontos de vista – e é preciso que o tradutor tenha um ponto de vista sobre o que é traduzir e sobre o que é traduzir cada texto em concreto, no corpo de cada tradução deve haver, mais ou menos conscientemente, uma ideia de tradução.” Há cerca de dois anos, numa entrevista à jornalista Isabel Lucas publicada no *Ípsilon*, Richard Ford (extraordinariamente bem traduzido em português por Francisco Agarez, rima e é verdade, falo de *Canadá*) dizia: “A tradução é uma espécie maravilhosa de ficção. ... O tradutor tem de imaginar o livro noutra cultura. Traduzir é um ato de inspiração.”

CT: *Que projetos para o futuro pode desvendar-nos?*

MJL: Bons projetos. Bom, projetos, o que já é dizer muito. Ainda não sei se traduzirei de seguida o livro de contos *Men without Women*, de Murakami. Mas os contos já cá cantam, armazenados num ficheiro, à medida que foram saindo na *New Yorker* e outras revistas que tais. Tenho as traduções do espanhol, do italiano, do francês e do alemão. Ah, faltava o essencial: li o livro na tradução brasileira, precisamente (obrigada pelo livrinho, Lu e João!): *Ho-*

*mens sem mulheres* (homenagem a Hemingway, por certo, outro escritor imprescindível), traduzido do japonês por Eunice Suenaga (Alfaguara, 2015). “Drive my Car” e “Kino” são dois contos fantásticos. Imagino que o meu japonês esteja a escrever um romance. Gosto de o imaginar a escrever um romance. Tenho já a promessa feita pela Sofia Ribeiro da Bertrand para traduzir mais um Stephen King. E não me venham dizer que o homem escreve a metro, *please!* Além dos romances, alguma vez leram *Escrever – memórias de um ofício* (Temas & Debates)? Aconselho vivamente, a todos os futuros escritores, e não só. Em entrevista recente, Pacheco Pereira afirmou que apreciava sobremaneira “aquele que escreve sempre o mesmo livro e a quem muita gente nega o título de escritor”, referindo-se ao autor de *Shining: a casa do horror, 22/11/63* e *Bem-vindos a Joyland*. Será o novo King para traduzir sozinha? Ou com a “mana” Ana Lourenço? Fazemos uma bela parceria. Bom, a Sofia decidirá. As minhas editoras são todas extraordinárias. Contam sempre comigo, tal como eu sei que conto com elas.

Recebido em: 05/06/2016

Aceito em: 13/09/2016

Publicado em janeiro de 2017



## ANEXO

### Traduções publicadas

BALDACCI, David. *O atentado*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2014.

BRYSON, Bill. *Aquele verão: América, 1927*. Tradução: Ana Lourenço, Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Bertrand, 2015.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Noites brancas: memórias de um sonhador*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2013.

HUSSEY, Charmian. *O vale dos segredos*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Presença, 2009.

KING, Stephen. *22-11-63*. Tradução: Ana Lourenço, Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Bertrand, 2014.

\_\_\_\_\_. *Doutor Sono*. Tradução: Ana Lourenço, Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Bertrand, 2016.

LITVINOFF, Sarah. *Aprenda a confiar em si: como aumentar a sua auto-estima*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Cruz Quebrada: Notícias, 2005.

MURAKAMI, Haruki. *A peregrinação do rapaz sem cor*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Alfragide: Casa das Letras, 2014.

\_\_\_\_\_. *A rapariga que inventou um sonho*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *A sul da fronteira, a oeste do sol*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Alfragide: Casa das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *After Dark – os passageiros da noite*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Alfragide: Casa das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Auto-retrato do escritor enquanto corredor de fundo: um livro de memórias*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Alfragide: Casa das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Crónica do pássaro de corda*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Dança, dança, dança*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Em busca do carneiro selvagem*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Kafka à beira-mar*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Norwegian Wood*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. *O elefante evapora-se*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Alfragide: Casa das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. *Os assaltos à padaria*. Tradução: Maria João Lourenço. ilustrações de: Kat Menschik. 1.<sup>a</sup> ed. Alfragide: Casa das Letras, 2015.

\_\_\_\_\_. *Sono*. Tradução: Maria João Lourenço. ilustrações de: Kat Menschik. 1.<sup>a</sup> ed. Alfragide: Casa das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. *Sputnik, meu amor*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Cruz Quebrada: Notícias, 2005.

\_\_\_\_\_. *IQ84*, 3 vols. Tradução: Maria João Lourenço, Maria João da Rocha Afonso. 1.<sup>a</sup> ed. Alfragide: Casa das Letras, 2011-2012.

\_\_\_\_\_. *O impiedoso país das maravilhas e o fim do mundo*. Tradução: Maria João Lourenço, Maria João da Rocha Afonso. 1.<sup>a</sup> ed. Alfragide: Casa das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. *Ouve a canção do vento/Flíper, 1973*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Alfragide: Casa das Letras, 2016.

OATES, Joyce Carol. *A fé de um escritor: vida, técnica, arte*. Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2008.

POMPIDOU, Georges. *O nó górdio* Tradução: Maria João Lourenço. Lisboa: Arcádia, 1975.

## Revisões literárias e outras

ANDERSON, Joan. *Passeio à beira-mar: histórias de sabedoria de uma mulher pouco convencional*. Tradução: Carla Morais Pires. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Noites Brancas, 2012.

BALDACCI, David. *A memória*. Tradução: Maria Dulce Guimarães da Costa. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2016.

BALLIETT, Blue. *O mistério do quadro desaparecido*. Tradução: Maria José de La Ilustrações: Brett Helquist. Revisão de tradução: Maria João Lourenço, Isabel Nunes. 1.<sup>a</sup> ed. Barcarena: Presença, 2005.

BLIXEN, Karen. *Ehrengard: a ninfa do lago*. Tradução: Maria João Freire de Andrade. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2015.

\_\_\_\_\_. *Ironias do destino*. Tradução: Maria João Freire de Andrade. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2012.

CARROLL, Cláudia. *Malmequer, bem-me-quer...* Tradução: Alice Rocha. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Barcarena: Presença, 2005.

CASTLE, Richard. *No calor da noite*. Tradução: Carmo Romão. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2016.

CASTLE, Richard. *Ondas de calor*. Tradução: Dina Antunes. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2015.

ERDRICH, Louise. *Vida de sombras*. Tradução: Maria do Carmo Figueira. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2012.

FOWLER, Karen Joy. *Estamos todos completamente fora de nós*. Tradução: Eugénia Antunes. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2015.

GÉNÉREUX, Jacques. *Nós podemos!: porquê e como pode um país fazer sempre o que quiser em relação aos mercados, à banca, às crises, ao BCE, ao FMI...* Tradução: Inês Guerreiro. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2013.

HALL, Sarah. *O regresso dos lobos*. Tradução: Beatriz Sequeira. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Barcarena: Jacarandá, 2016.

HAMER, Kate. *Inseparável*. Tradução: Maria João Freire de Andrade. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2016.

LEMAITRE, Pierre. *Até nos vemos lá em cima*. Tradução: Miguel Serras Pereira. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2014.

\_\_\_\_\_. *Irène*. Tradução: Miguel Serras Pereira revisão de Tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2015.

LEONI, Giulio. *Dante e os crimes do mosaico*. Tradução: José J. C. Serra. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Presença, 2005.

MAMANI, Hernán Huarache. *A profecia da curandeira*. Tradução: José J. C. Serra. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Barcarena: Presença, 2005.

MANFREDI, Valerio Massimo. *A última legião*. Tradução: José J. C. Serra. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Presença, 2005.

NETO, Henrique. *Uma estratégia para Portugal: a visão de um empresário para o futuro do país*. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Alfragide: Lua de Papel, 2011.

ÕE, Kenzaburō. *As regras do Tagame*. Tradução: Maria João Freire de Andrade Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2012.

PEPPER, Lucy. PEDROSO, Célia. *Eat Portugal: The Essential Guide to Portuguese Food*. Revisão: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Alfragide: Caderno, 2011.

QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias: episódios da vida romântica*. Prefácio: José Eduardo Agualusa. Revisão: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2013.

ROSE, M. J. *O livro dos perfumes perdidos*. Tradução: Eugénia Antunes. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2012.

ROSENBERG, Joel C. *A fuga de Auschwitz*. Tradução: Eugénia Antunes. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2015.

THÉRIAULT, Denis. *A vida peculiar de um carteiro solitário*. Tradução: Maria João Freire de Andrade. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2014.

THOENE, Bodie. THOENE, Brock. *A última ceia de Jesus*. Tradução: Dina Antunes. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clube do Autor, 2014.

SHAFKAK, Elif. *A cidade nos confins do céu*. Tradução: Maria João Freire de Andrade. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Barcarena: Jacarandá, 2016.

VALLET, Odon. *Pequeno livro das ideias falsas sobre as religiões*. Tradução: Ana Cristina Costa. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Cruz Quebrada: Estrela Polar, 2006.

WYLE, Elie. *Todos os pássaros do céu*. Tradução: Isabel Alves. Revisão de tradução: Maria João Lourenço. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Jacarandá, 2015.